



Rozelene Furtado

Rozelene Furtado de Lima - Teresópolis-RJ. Bibliotecária, Professora, escritora, contista, poeta, artista plástica. Coautora em 590 Antologias Seis livros. Textos publicados em Portugal, França, EUA, México, Espanha, Itália, Alemanha, Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia e Suíça e em todos os países lusófonos. Membro de Academias de Letras de Artes; Verbetes no Dic. de Mulheres Escritoras; e nas Enciclopédias: Artistas Contemporâneos Lusófonos; Di Grandi Artist; Arrolada no Catálogo Brasileiro de Autores Contemporâneos; Prêmios nacionais e internacionais em literatura e artes plásticas.

www.rozelenefurtadodelima.com.br

Cântico 421

Toma-me em teus braços
 Desfaze meus laços
 Como se eu fosse desconhecida
 Desvenda minhas subidas e descidas
 Desliza como água na minha veludez
 Traze a inocência da minha primeira vez
 Não me chames de amor nem de querida
 Sussurra palavras soltas às escondidas
 Como sol e lua a eclipsar
 No infinito azulado faz a nuvem orvalhar
 Ignora o quanto que partilhamos do caminho
 Por instantes, apaga tantos anos no mesmo ninho.
 As marcas amareladas no calendário
 Dívidas, dúvidas e brigas do diário.
 Fugamos do tempo como novos amantes
 Sem ser casal nem par como antes
 Passado apagado presente levitando
 Quero uivo de lobos ecoando
 Ao som de harpas e tambor
 No preâmbulo da dança do amor
 Lentamente embriaga-me de tanto querer
 Só então, como poesia, toma posse do meu ser!

Adeus a um sonho

Lágrimas estão prontas para brotar
Sinto um aperto no peito
Num cantinho me ajeito
São lágrimas puras e quentes
Que rolam como serpentes
Vão salgando minha face, meu rosto
Chega aos lábios um forte gosto
De tempero salgado de saudade
Prato servido na intimidade
É choro, choro oposto ao riso
Choro comprido de preciso
Do aconchego amoroso ausente
Do calor de colo presente
De abraço forte apertado
De coração compassado
Como vara de violino em prece
Que toca a corda e ela estremece
Que ecoa no fundo da alma
Que a mão acaricia enxugando com a palma
É lágrima de que não me envergonho
É choro de adeus a um sonho



No Ritmo do Passacale

Sou natureza
Tua presa
Com planícies e montanhas,
Cerrados, ilhas e lagoas
Na sedução tu não me ganhas
Eu oferto e tu me doas
Escalas os picos, passeias no vale
Mapeias no ritmo do passacale
Descortinas o véu
Exibo meu céu
Nadas em mim
Exalo jasmim
Deitas nas pedras
A seiva medra
Sorves nas fontes
Gritas nos montes
Ecoa num rio de paz
Cavaleiro audaz
És minha presa
Sou tua natureza



Quem me dera... Ah! Quem me dera...

Minha canção chegasse aos teus ouvidos
Eu conseguisse entoar um cântico de amor
Que despertasse teu sentimento adormecido
E o vento te trouxesse antes do sol se por
Quem me dera compor como um poeta
E soubesse falar na linguagem dos anjos
E nas entrelinhas pusesse a afinação certa
Melodiar ritmando emoção em mil arranjos
Quem me dera saber converter saudade
Em abraços apertados de corpo inteiro
Com beijos dados e entregues a vontade
E dentro da canção surgisse um violeiro
Quem me dera... Ah! Quem me dera...
Transformar lágrimas em água benta e pura
Lavar esse amor e ser para sempre abençoado
Saciar a sede com um pote cheio de ternura
Revirar, desobstruir e limpar o tempo passado
Quem me dera encontrar a ilusória passagem
E num caminho feito de estrelas brilhantes
De mãos dadas providos de muita coragem
Ultrapassar o fantástico portal dos amantes
Quem me dera soubesse fazer alquimia
Esquecer meu endereço e a minha rua
Dar vida aos sonhos repletos de fantasia
E fincar nossa morada no mundo da lua
Quem me dera... Ah! Quem me dera

